



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DA SAÚDE
CURSO DE ENFERMAGEM**

SAMARA GOMES DE CARVALHO

**CONVIVENDO COM A MORTE E MORRER NO TRABALHO EM SAÚDE:
REVISÃO DA LITERATURA**

**GOIÂNIA-GO
2022**

SAMARA GOMES DE CARVALHO

CONVIVENDO COM A MORTE E MORRER NO TRABALHO EM SAÚDE:
REVISÃO DA LITERATURA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina ENF1112 do curso de Graduação em Enfermagem de Escola de Ciências Sociais e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), como requisito obrigatório para obtenção do título de bacharela em Enfermagem.

Orientadora: Prof.^a MS. Maria Salete Silva P. Nascimento.

Linha de Pesquisa: Promoção da Saúde

Eixo temático: Saúde Mental

GOIÂNIA-GO

2023

FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina ENF1112 do curso de Graduação em Enfermagem de Escola de Ciências Sociais e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), como requisito obrigatório para obtenção do título de bacharela em Enfermagem.

Orientadora: Prof.^a MS. Maria Salete Silva P. Nascimento.

Linha de Pesquisa: Promoção da Saúde

Eixo temático: Saúde Mental

SAMARA GOMES DE CARVALHO

**CONVIVENDO COM A MORTE E MORRER NO TRABALHO EM SAÚDE:
REVISÃO DA LITERATURA**

Aprovado em: 16 de junho de 2023.

**Prof.^a MS. Maria Salete Silva P. Nascimento- PUC Goiás
Orientador**

**Prof.^a MS. Paula Candida da Silva- PUC Goiás
1^a Avaliador**

**Prof.^a Dr. Sônia Maria Ribeiro dos Santos- PUC Goiás
2^a Avaliador**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus por Sua infinita graça e orientação ao longo desta jornada acadêmica. Sua presença constante em minha vida tem sido a força que me sustenta em todos os momentos. Sou grata por Sua sabedoria e direcionamento, que me permitiram superar desafios, buscar conhecimento e alcançar este importante marco em minha vida.

À minha família gostaria de expressar minha gratidão. A vocês, meu pai Rogério, minha amada mãe Elizangela, minhas irmãs e demais familiares, sou imensamente grata pelo amor incondicional, apoio e encorajamento constante ao longo de toda minha jornada acadêmica. Vocês foram uma fonte de motivação e força quando as dificuldades surgiram, e sou muito grata por todo o suporte que me deram.

Minha namorada Izabella, obrigada pelo carinho, compreensão, conselhos e encorajamento constante durante todo o processo de elaboração deste trabalho. Sou abençoada por ter você como meu porto seguro e minha maior motivação.

À minha orientadora Professora Maria Salete, minha gratidão por sua orientação valiosa e dedicação ao longo deste trabalho. Seus conhecimentos, paciência e disponibilidade para esclarecer minhas dúvidas foram fundamentais para o meu crescimento acadêmico. Agradeço por suas críticas construtivas e pelo seu compromisso em me ajudar a alcançar os melhores resultados.

Meus agradecimentos se estendem também a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, mas que não foram mencionados nominalmente. Seu apoio foi fundamental para o meu sucesso.

Que essas palavras de agradecimento expressem toda minha gratidão a cada um de vocês.

A vida não cessa. A vida é fonte eterna e a morte é jogo escuro das ilusões.

O grande rio tem seu trajeto, antes do mar imenso. Copiando-lhe a expressão, a alma percorre igualmente caminhos variados e etapas diversas, também recebe afluentes de conhecimentos, aqui e ali, a volumna-se em expressão e purifica-se em qualidade, antes de encontrar o Oceano Eterno da Sabedoria.

CHICO XAVIER

RESUMO

Introdução: A morte é vista como um evento avesso à vida, um processo fisiológico que indica o fim de um ciclo de vida. No entanto, falar sobre a morte ainda é um tabu, os profissionais de saúde, muitas vezes enfrentam dificuldades ao lidar com esse assunto. A pesquisa busca compreender como os profissionais vivenciam a morte e o morrer, descrevendo os sentimentos expressos diante da finitude da vida. **OBJETIVO:** Compreender como os profissionais da saúde vivenciam a morte, o morrer e o luto em seu trabalho diário. Também busca descrever como são expressos os sentimentos dos profissionais diante da finitude da vida e relatar a prevenção de transtornos emocionais decorrentes do convívio com a morte no exercício da profissão. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, com base em publicações que abordam como os profissionais da saúde lidam com a morte tem o exercício da profissão. As buscas ocorreram nos meses de agosto a dezembro de 2022. O período de análise compreende os anos de 2018 a 2022. **RESULTADOS:** Os profissionais da saúde enfrentam uma considerável sobrecarga emocional e pressão psicológica no exercício de seu trabalho diário. Lidar diretamente com a morte dos pacientes acaba gerando sentimento de insegurança e incompetência, o que pode abalar sua confiança no tratamento que oferecem. Alguns desses profissionais evitam abordar o assunto da morte, recorrendo à negação como um mecanismo de defesa. Um aspecto que contribui para essa fragilidade é a falta de preparação na formação profissional para lidar com a morte e o processo de morrer. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** O estudo possibilitou identificar o enfrentamento da morte e do processo de morrer no exercício da profissão, que se mostra como um desafio, provocando sentimento de insegurança perante a perda de pacientes sob os cuidados do profissional.

Palavras-chave: Morte e o morrer. Profissionais da saúde. Luto. Atitudes frente à morte.

ABSTRACT

Death is seen as an aversive event to life, a physiological process that indicates the end of a life cycle. However, talking about death is still a taboo, and health professionals often face difficulties in dealing with this subject. This research seeks to understand how these professionals experience death and dying, describing the feelings expressed when faced with the finitude of life. **OBJECTIVE:** To understand how health professionals experience death, dying and mourning in their daily work. It also seeks to describe how they express their feelings when faced with the finitude of life, and to report the prevention of emotional disorders resulting from living with death in the exercise of their profession. **METHODOLOGY:** This is a narrative review of literature, based on publications that address how health professionals deal with death in the exercise of their profession. The searches occurred in the months of August to December 2022. The period of analysis comprises the years of 2018 to 2022. **RESULTS:** Healthcare professionals face considerable emotional overload and psychological pressure in the exercise of their daily work. Dealing directly with the death of patients ends up generating feelings of insecurity and incompetence, which can undermine their confidence in the treatment they offer. Some of these professionals avoid approaching the subject of death, resorting to denial as a defense mechanism. One aspect that contributes to this fragility is the lack of preparation in professional training to deal with death and the dying process. **FINAL CONSIDERATIONS:** The study made it possible to identify the confrontation with death and the dying process in the exercise of the profession, which shows itself as a challenge, causing feelings of insecurity when faced with the loss of patients under the professional's care.

Keywords: Death and Dying, Health Professionals, Mourning, Attitudes towards death.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	9
1.2 JUSTIFICATIVA	10
2 OBJETIVOS	11
2.1 OBJETIVO GERAL	11
2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO	11
3 REFERENCIAL TEÓRICO	12
4 CAMINHO METODOLÓGICO	15
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	16
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	22

1 INTRODUÇÃO

A morte é um tabu e mesmo que seja um processo natural a ser vivenciado, é vista como um evento avesso à vida, um processo fisiológico determinado pela parada dos sinais vitais, indicando finitude. Também está relacionada a costumes e a cultura, influenciando na forma de aceitação e nos modos de enfrentamento (LACERDA *et al.*, 2016).

Com diferentes significados, a morte possui implicações em diversos campos do conhecimento como a ciência, a religião e a cultura. De um modo geral é compreendida como um processo natural e inevitável a todo ser humano, indica o término de um ciclo de vida. Constitui-se como um tabu, ou de certa forma, um assunto proibido, uma vez que provoca impactos emocionais na vida de cada indivíduo e na sociedade de modo geral (LACERDA *et al.*, 2016).

Falar sobre a morte de outra pessoa remete a reflexões sobre a própria vida, ou seja, os planos, sonhos, perdas e de como tem conduzido seu modo de viver. Quando a finitude chega para outro, facilmente se medita sobre a própria morte, o que causa dificuldade no assistir, ficar perto do outro no momento de sua morte (SALBEGO *et al.*, 2022).

Apesar da morte e o morrer fazer parte do dia-a-dia dos profissionais de saúde, abordar essa temática é difícil, uma vez que culturalmente a morte está relacionada a preconceitos e sentimentos de derrota. Assim como, sentimento de fracasso, sofrimento e até mesmo aversão por parte dos profissionais que lutam para prolongar a vida daqueles que estão sob seus cuidados. Pois, podem compreender a morte como resultado de falha no processo terapêutico e de seu esforço em conseguir uma cura (SALBEGO *et al.*, 2022).

Ao prestar assistência à pessoa em terminalidade, diversas dificuldades profissionais e pessoais podem surgir sentimentos como de “frustração, sensação de fracasso, impotência, incapacidade”, comprometendo o cuidado e o atendimento das necessidades da pessoa em sofrimento e de sua família (MORAIS *et al.*, 2018). A equipe de saúde lida com a finitude diariamente, o que pode suscitar nos profissionais diversas sensações e sentimentos, como medo, frustração, dor emocional e sofrimento psicológico (MAGALHÃES; MELO, 2015).

“O cuidar é intrínseco do homem. Cuidando desde o nascer até o morrer. A enfermagem é uma profissão direcionada ao cuidar e norteada por princípios

científicos, técnicos, administrativos e éticos” (SALOMÉ *et al.*, 2009, p.3). A equipe de enfermagem é essencial no cuidado do paciente em processo de terminalidade, pois estabelece na maioria dos casos um importante vínculo, devido ao convívio rotineiro e a relação de familiaridade estabelecida, diante a morte do paciente, vários sentimentos poderão surgir como o de tristeza, desesperança e impotência (SOUZA. *et al.*, 2020).

Em pesquisa realizada com 11 enfermeiros de um hospital que assiste pacientes em cuidados paliativos, revelou que tanto os profissionais da área de saúde, como os de Enfermagem, desenvolveram diversos sentimentos perante a dor de pacientes e familiares que estão sob seus cuidados e o sentimento mais citado pelos Enfermeiros foi o de “impotência” (MEDEIROS; BONFADA, 2012).

Devido ao contato constate no processo de cuidado, é necessário pensar em meios para enfrentar os medos e receios que se inserem diante da atuação dos enfermeiros. Esta exigência se torna necessária a compreensão tanto técnica quanto científica para a prática da profissão, ao qual levam enfermeiros a reconsiderar suas definições e sentimentos a respeito da morte, o que induz a adotar medidas para defrontação, e refletir a respeito de sua atuação como profissional (GONÇALVES; SANTOS, 2019).

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

A Compreensão do modo como a morte afeta os profissionais em seu cotidiano de trabalho, constitui em um significativo manejo para prevenção de transtornos que venham a afetar a saúde mental da equipe de saúde.

Um grande desafio para os profissionais desta área se constitui no estabelecimento de vínculos com os pacientes e a família, investindo na afetividade das relações, aprendendo a lidar com a finitude da vida e sem adoecer psicologicamente.

Diante deste contexto, surgem diversas indagações: como os profissionais de saúde vivenciam a morte e o sentimento de luto pela perda de pacientes sob seus cuidados? Como são expressos seus sentimentos diante da finitude da vida? Como poderia ser realizada a prevenção de transtornos de ordem emocional diante o convívio com a morte no exercício da profissão?

1.2 JUSTIFICATIVA

Este estudo pretende suscitar reflexões sobre como os profissionais lidam com o processo de morte e o luto no desempenho de suas funções, levado em consideração que acompanham no exercício de seu trabalho, todos os ciclos da vida. Falar sobre a morte e todos os sentimentos suscitados por ela, deve ser uma temática presente desde a formação acadêmica, pois, ignorar a finitude não contribui para a elaboração das perdas, pelo contrário, faz com que a dor emocional mal elaborada, provoque transtornos e impactos na saúde mental dos profissionais da saúde.

O luto vem seguido do sentimento de perda, frustração, tristeza e até mesmo sentimento de culpa, que muitas vezes fica armazenado, causando estresse e adoecimento emocional. Assim, compreende-se a importância deste tema ser abordado, pois falar a respeito contribuirá na elaboração das perdas e na vivência do luto. Deste modo, o desenvolvimento de estudos em torno da temática, poderá favorecer o desenvolvimento de estratégias para a prevenção de transtornos emocionais e no saber lidar com futuras perdas, inevitáveis no exercício da profissão.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Identificar como os profissionais da saúde vivenciam a morte, o morrer e o luto em seu cotidiano de trabalho.

2.2 OBJETIVO ESPECÍFICO

Descrever como são expressos os sentimentos dos profissionais diante da finitude da vida.

Relatar a prevenção de transtornos emocionais diante o convívio com a morte no exercício da profissão.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Philippe Ariès (2003) em sua obra “História da Morte no Ocidente”, observava a relação do homem com a morte. Nela, relata a relação entre o homem e a morte de algumas formas, sendo elas: a primeira, na Idade Média, na qual compreende a morte como domada; a segunda, aproximadamente entre os séculos XI até XIII, quando o homem reconhece a importância da sua existência, gerando uma percepção mais dramática em relação a vivência da morte e a terceira, relativa às atitudes contemporâneas.

Na Idade Média existia uma familiaridade com a morte, onde ao pressenti-la, o doente se recolhia em seu aposento juntamente com familiares e amigos. O doente realizava rituais de despedida, como pedir perdão por suas culpas, passava seus bens e esperava a morte chegar. Nesta época a morte não era vista como dramática ou com demonstrações excessivas (AIRES, 2003).

Somente depois do século XVIII, a morte passou a ser vista como uma contravenção da vida, onde retirava o ser amado de sua família. Nesta época o luto era exagerado, onde se temia a morte do ente, mas do que a própria morte. Na metade do século XIX, a morte se tornou um tabu, onde a partir daí os parentes do doente começaram a tentar poupá-lo do seu estado (AIRES, 2003).

Norbert Elias (2001), sociólogo alemão, faz reflexões importantes sobre o tabu em torno da morte, referindo que o problema não se encontra no fato de falar a respeito, mas sim, no que é dito sobre ela. Como o fato dos adultos tentarem esquivar-se do assunto com seus filhos, pois entendem que irá passar suas próprias angústias para eles. Na opinião do autor, a negação de um fenômeno tão natural pode acabar gerando eventos traumáticos. Nesse sentido, ele traz a importância de tratar o fato com naturalidade para as crianças.

Conforme Bellato & Carvalho (2005), a negação da morte e com a medicina avançando na época, levaram o doente da sua casa para os hospitais. Onde o processo da morte e morrer passou a ser acompanhada apenas pelos parentes mais próximos. Termina a tradição de velar o moribundo em casa. A partir daí a morte e morrer tornaram-se institucionalizada.

Da mesma forma pensam os autores Costa & Lima (2005), não obstante os hospitais serem aparelhados tecnologicamente para manter a vida, e os

profissionais serem capacitados tecnicamente para manuseá-los, não estão preparados psicologicamente para assistir o paciente na eminência da morte.

Segundo Kovács (2005), quando a falta de elaboração do luto, se torna rotineira sem abrir espaço para sentir os sentimentos negativos que ela traz consigo, desencadeia consequências dos adoecimentos dos profissionais da área da saúde. Trazendo à tona problema de saúde pública como a depressão no ambiente de trabalho. Mais adiante Kovács (2010), cita que a relação profissional com os pacientes frente à morte, engatilha em sentimento de impotência, raiva e frustração.

De acordo com Freitas e Oliveira (2010), a morte, no cotidiano do profissional, pode atrapalhar de maneira negativa. Entretanto, os autores evidenciam as várias formas com as quais os profissionais enfrentam os estágios finais. Ao passo que alguns encaram a morte com um olhar técnico-profissional, outros se mostram psicologicamente mais fragilizados. Nesse caso, o modo como se enxerga os sentimentos de terceiros, tanto de pacientes quanto de familiares, não significa uma qualificação por parte dos profissionais da saúde que lida com a morte e o morrer.

Na saúde, coexistem dois pressupostos que envolvem o curar e o cuidar. O primeiro preza pela vida acima de qualquer condição, independente de práticas humanizadas, já o segundo considera a morte como inerente ao ser homem, prioriza o cuidado diante a dor e a atenção em suas necessidades (KOVÁCS, 2005).

O sofrimento dos profissionais se inicia quando, segundo Borges e Mendes (2012, p.796) “Os profissionais da saúde estão ligados ao paradigma, onde a morte deve ser evitada e a vida deve ser salva e preservada”.

Os profissionais, na tentativa de se protegerem da ansiedade e angústia provocada pela morte, acabam por negar o seu acontecimento na esperança de poder controlar esta sentença. No entanto, ao fazer isso, acabam piorando o sofrimento e perdendo o tato com uma situação inerente e intrínseca a sua formação profissional (AZEREDO *et al.*, 2011).

Oferecer assistência ao paciente no fim da vida, é uma tarefa complicada e desafiadora na vida dos profissionais, ao qual, quase não foi oferecido ou até mesmo preparado para lidar com este momento na formação profissional. Conviver com essas experiências e a falta de conhecimento podem levar o adoecimento emocional dos mesmos. (DOS SANTOS; JÚNIOR, 2015).

Compreender tais experiências extrapola a mera vontade de melhorar a assistência em enfermagem, pois viabiliza o ato de ouvir profissionais que muitas

vezes são silenciados pela angústia de se responsabilizar pela dor do próximo. Portanto, falar abertamente sobre as vivências dolorosas promove reflexão sobre sua atuação, o que acaba por beneficiar o processo assistencial em saúde, visto que o indivíduo como profissional da enfermagem, se aperfeiçoa cada vez mais (BASTOS; QUINTANA *et al.*, 2018).

4 CAMINHO METODOLÓGICO

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, desenvolvida a partir de publicações sobre como os profissionais da saúde lidam com morte e o morrer no exercício profissional. O estudo será realizado em um recorte temporal do ano 2018 a 2022.

Clandinin e Connely (2000, p. 20) definem pesquisa narrativa como:

Uma forma de entender a experiência em um processo de colaboração entre pesquisador e pesquisado. A pesquisa narrativa mais comum pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno. As histórias podem ser obtidas por meio de vários métodos: entrevistas, diários, autobiografias, gravação de narrativas orais, narrativas escritas, e notas de campo.

As buscas ocorreram nos meses de setembro a novembro de 2022 e os dados foram coletados em publicações na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS); no Portal de Periódicos CAPES e na base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Foram utilizados os descritores e seus sinônimos, disponíveis em CiênciasSaúde/Medical Subject Headings (DeCS/MeSH), sendo estes: morte e morrer; atitudes frente a morte; Cuidados paliativos na terminalidade da vida; profissionais da saúde.

Como critérios de inclusão utilizaram-se artigos publicados nos últimos cinco anos em língua portuguesa e excluídos editoriais, teses, dissertações e resumos.

A seleção dos estudos ocorreu por meio da leitura de títulos, resumos e posteriormente leitura integral dos textos. A análise foi realizada após leitura, repetitiva, ponderada e reflexiva e os resultados serão sintetizados e avaliados criteriosamente e discutidos por meio de autores de referência na literatura.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Primeira busca realizada nas bases de dados foram acessados 285 artigos, após refinamento foram selecionados 11 estudos utilizados na construção dos resultados.

Quadro I. Acesso á base de dados.

Tema: Convivendo com a morte e morrer no trabalho em saúde: revisão da literatura			
Descritores: Morte e o morrer AND Profissionais da saúde AND Luto AND Atitudes frente à morte.			
Base de Dados	Total de Registros	Excluídos	Incluídos
BVS	49	47	2
LILACS	175	169	6
SCIELO	32	31	1
BDEF	29	27	2
TOTAL	285	274	11

Fonte: Resultante dos dados coletados, 2023.

No Quadro a seguir, com informações sobre o Título do artigo, Autor, Ano de Publicação e base de dados utilizada.

Quadro II. Publicações Selecionadas

Título	Autor	Ano	Base de Dados
A1- A enfermagem frente ao processo de morte e morrer: uma reflexão em tempos de Coronavírus	SILVA, G, <i>et al.</i>	2020	BDEF
A2- A morte na unidade de terapia intensiva: percepções da enfermagem	CUNHA, M. A. P, <i>et al.</i>	2020	LILACS
A3- As diversas faces da morte de crianças na perspectiva de médicos e enfermeiros.	HAICKEL, N, <i>et al.</i>	2021	LILACS
A4- Compreensão da Morte e do Morrer: Um Estudo com Residentes	NASCIMENTO, L, <i>et al.</i>	2022	LILACS
A5- Atitudes dos enfermeiros frente à morte no contexto hospitalar: diferenciação por unidades de cuidados	CARDOSO, M, <i>et al.</i>	2021	BDEF
A6- Concepções sobre a morte e o morrer entre estudantes de psicologia	RAMOS, V, <i>et al.</i>	2020	LILACS
A7- Sentimentos, dificuldades e estratégias de enfrentamento da morte pela Enfermagem	SALBEGO, C, <i>et al.</i>	2022	BVS
A8- Morte e o processo de morrer na visão dos discentes de enfermagem	ALVIM, A, <i>et al.</i>	2021	BVS
A9- O Impacto da Morte em Profissionais da Saúde em Contexto Hospitalar	NASSER, S, <i>et al.</i>	2020	SCIELO
A10- Perspectivas dos Profissionais da Saúde sobre o Cuidado a Pacientes em Processo de Finitude	TREVISAN, D, <i>et al.</i>	2020	LILACS
A11- Significados atribuídos à morte segundo a perspectiva de profissionais de saúde da área de oncologia	SILVA, J, <i>et al.</i>	2021	LILACS

Fonte: Dados coletados das buscas, 2023.

Frente à morte e o morrer no exercício da profissão, os profissionais apresentaram sentimentos e comportamentos expressos por medo, angústia, tristeza, frustração, culpa, fracasso, negação, insegurança, incompetência, cansaço, desmotivação e descrédito com o tratamento (A7; A10). Afirmam sofrimento emocional diante o cenário de finitude da vida, buscam se distanciar emocionalmente do paciente, o que resulta em atitudes compreendidas como de

frieza. A morte foi referenciada como uma forma de alívio do sofrimento da pessoa assistida (A4; A2; A11).

Apresentaram dificuldades em demonstrar emoções, como chorar na presença dos familiares, referem sobrecarga emocional e pressão psicológica no cotidiano do trabalho, destacaram dificuldades em lidar com a morte, justificadas por terem sido formados para promover a cura e assegurar a vida (A7).

Os profissionais ao evitarem demonstrar emoções, se distanciaram emocionalmente de seus pacientes como forma de se protegerem. Queixam-se de carga emocional e pressão psicológica, o que pode ser um fator contribuinte para o seu adoecimento mental (A4; A2; A11).

Ao lidarem diretamente com a morte de pacientes sob seus cuidados, surgiram sentimento de insegurança e de incompetência em relação a assistência prestada, o que influenciou no descrédito com o tratamento na medida que os pacientes não obtiveram respostas positivas e eficazes (A7; A10).

Muitos profissionais trataram a morte de seus pacientes com naturalidade evitando falar ou pensar a respeito, na busca de diminuir o sentimento de luto e a dor emocional provocada. Com o passar do tempo de internação, o cansaço da equipe e dos pacientes que estão fora de possibilidades terapêuticas foi evidenciado. A desmotivação quanto à evolução do quadro e o convívio com a dor do paciente e da família faz com que a morte passe a ser vista como alívio e descanso (A11; A10).

Mesmo a morte sendo inevitável na rotina hospitalar, ainda existe certa relutância em abordar o assunto. Alguns profissionais recorrem à negação como um mecanismo de defesa, o que pode afetar o cuidado prestado ao paciente. Por outro lado, há profissionais que optam em permitir vivenciar os sentimentos envolvidos na situação de forma mais humanizada. Eles acreditam que cada experiência fortalece sua capacidade de lidar com a morte e, conseqüentemente sofrem menos com ela (MOTA *et al.*, 2011).

O lidar com a morte e o processo de morrer, devem constituir como tema de relevância na formação profissional continuada, uma vez que os profissionais de saúde se sentem mais preparados para cuidar da vida, do que com a morte. É importante promover uma reflexão profunda que transforme as concepções sobre a terminalidade da vida, a realização dos desejos em fim de vida e o conforto no processo de morrer (A6, A7, A9)

As experiências emocionais e comportamentais vivenciadas pelo profissional no cuidado aos pacientes e na formação de vínculos com eles podem desencadear uma série de perturbações, estresse ocupacional e até mesmo comportamentos autodestrutivos. O ambiente de trabalho se tornar um local no qual os profissionais frequentemente evitam lidar com suas próprias emoções e de forma defensiva, se distanciam de qualquer expressão emocional por parte dos pacientes (COMBINATO; QUEIROZ, 2006).

Quanto mais próximos forem os vínculos entre os profissionais de saúde e os pacientes que eles atendem, maior é carga emocional depositada neles. Cabe aos profissionais reconhecer quando se está enfrentando momentos de angústia e não se reprimir, mas sim buscar apoio, por meio de terapias e a supervisão profissional. O profissional precisa abordar essas questões em sua própria vida, a fim de explorar e compreender de maneira pessoal as questões relacionadas à morte (FREITAS; OLIVEIRA, 2010).

Alguns estudos apontaram a síndrome de Burnout dentro de o ambiente hospitalar como uma das consequências do stress vivido ao lidarem com todos os estímulos emocionais, gerando sofrimento tanto para os profissionais, seus clientes e a instituição como um todo. A atividade dos trabalhadores da saúde deve estar em equilíbrio com a saúde mental coletiva, levando-se em conta o contexto social que se insere (MORENO *et al.*, 2011).

Vale ressaltar a importância de estabelecer uma comunicação efetiva entre a instituição de saúde e seus trabalhadores, fornecendo orientação e apoio. Assim, as instituições devem proporcionar capacitações para os profissionais, com reflexão sobre o tema, assim como o desenvolvimento de programas educacionais, redes de apoio social e espaços de discussão. A presença de um psicólogo ou de profissionais capacitados na equipe, pode contribuir para a prevenção do adoecimento psicológico no meio profissional (A10).

Tornam-se importante enfatizar a valorização da espiritualidade dos profissionais, criarem estratégias que possam oferecer suporte psicológico, grupos de escuta, partilha, abordando assuntos sobre a morte e as perdas vivenciadas (A10, A11).

A fragilidade frente a morte e o morrer identificadas na formação e na vida profissional, ressalta a necessidade de abordar o tema durante o curso de

graduação afim de que se possam refletir e buscar suporte diante da finitude da vida e as perdas que ocorrerão no exercício profissional (A7; A9; A6; A10).

Insatisfação em relação aos conteúdos ministrados durante a formação ao não discorrer sobre a morte, é vista como fragilidade na preparação desta etapa. Outro aspecto a ser destacado é a ausência de uma rede institucional de apoio para escuta dos profissionais, o que acarreta agravamento da situação e no desempenho de suas atividades (A9; A8; A6).

A eminente carência de suporte emocional durante a formação acadêmica e escassez de apoio psicológico aos trabalhadores de saúde, são perceptíveis e evidenciadas no adoecimento destes profissionais. Somam-se as diversas dificuldades vivenciadas no mundo do trabalho aos desafios de lidar com o processo de morte dos pacientes, o que os faz sentir desamparados e desmotivados (NASSER *et al.*, 2021).

É preciso que se crie rede de apoio e suporte institucional que possibilite espaços de fala e acolhimento aos profissionais, a fim de que possam vivenciar o processo de morte em seu cotidiano de trabalho, com menos sofrimento e resiliência (MARQUES *et al.*, 2013; SANTOS; MOREIRA, 2014; TREVISAN *et al.*, 2020).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo possibilitou identificar que os profissionais de saúde se distanciam emocionalmente de seus pacientes como forma de autoproteção. O que resulta em menor conexão emocional, afetiva e impacta negativamente no cuidado prestado.

O enfrentamento da morte e do processo de morrer no exercício da profissão, se mostra como um desafio provoca sentimento de insegurança, incompetência e frustração perante a perda de pacientes sob os cuidados do profissional. A desmotivação e o cansaço resultantes da convivência com a dor e o sofrimento do paciente e da família, contribuem para a percepção da morte como forma de alívio e descanso.

Falar abertamente sobre a morte ainda constitui tabu no ambiente hospitalar, os profissionais negam ou evitam o assunto. Poucos permitem vivenciar sentimentos e deixam estabelecer vínculos com pacientes fora de possibilidades. As experiências bem conduzidas diante o processo de morte e morrer, tendem a fortalecer a capacidade de lidar com a morte e diminuir o sofrimento por ela causado.

A formação profissional deve incluir reflexão sobre a terminalidade da vida e o processo de morrer. O que poderá contribuir para mudanças de concepções, valorização da espiritualidade, desenvolvimento de programas educacionais e redes de apoio para profissionais.

Portanto, é preciso cuidar das emoções e sentimentos dos profissionais diante o processo de morte e morrer, para que o assistir nestes momentos, seja mais humano, compassivo, acolhendo a finitude com dignidade, como companheiros em uma jornada em que muitas vezes não se encontra o caminho de volta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, P. A história da morte no ocidente. Rio de Janeiro, RJ, **Ediouro**. 2003.

ANGERAMICAMON, V. A.; TRUCHAT, F. A. R.; KNIJNICK, R. B.; SEBASTIANI, R. W. Psicologia Hospitalar: Teoria e Prática. 2ª ed. São Paulo: **Cengage Learning Edições Ltda.**; 2010. Acesso: em 01 de dez. 2022.

BASTOS, R. A.; QUINTANA, A. M.; CARNEVALE, F. Angústias psicológicas vivenciadas por enfermeiros no trabalho com pacientes em processo de morte: estudo clínico-qualitativo. **Rev. Trends in Psychology**, v. 26, p. 795-805, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tpsy/a/FtTbdsvLBKnp9dKqfCj6kZJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 01 de dezembro. 2022.

BELLATO, R.; CARVALHO, E.M. O jogo existencial e a ritualização da morte. **Rev. Latino -am Enfermagem**. v.13,n.1, p. 99-104, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692005000100016>. Acesso em: 05 nov. 2022.

COSTA J. C.; LIMA R. A. G. Luto de equipe: Revelações dos profissionais de enfermagem sobre o cuidado à criança/adolescente no processo de morte e morrer, **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 2, mar./abr. 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692005000200004>. Acesso em: 05 nov. 2022.

CUNHA, M. A. P.; SANTOS, E. P. S.; FERREIRA, M. T. A.; BALDOINO, L. S.; DA COSTA, A. M. S.; RIBEIRO, A. M. N. A morte na Unidade de terapia intensiva percepções da enfermagem. **Revista de enfermagem da UFPI**. Disponível em: <https://doi.org/10.26694/reufpi.v9i0.9699>. Acesso em: 16 abril 2023.

ELIAS, N. A solidão dos moribundos. Rio de Janeiro, RJ, **Jorge Zahar Editora**. 2001

FREITAS, A. F. S. C.; OLIVEIRA, S. A. Os impactos emocionais sofridos pelo profissional de psicologia frente à morte em contexto hospitalar. **Akrópolis, Umuarama**, v. 18, n. 4, out./dez. 2010. Disponível em: <http://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/download/3297/2277>. Acesso em: 05 nov. 2022.

KOVÁCS, M.J. **Educação para morte. Sugestões de linhas de ações para o psicólogo**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932005000300012>. Acesso em: 05 nov. 2022.

KOVÁCS, M. J. Educação para a morte. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 25, n. 3, pp. 484-497, 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141498932005000300012&script=sci_arttext. Acesso em 01 de dez. 2022.

LACERDA, C. A. CAMBOIM, F. E. F.; CAMBOIM, J. C. A; NUNES, E. M. O lidar com a morte em unidade de terapia intensiva: dificuldades relatadas por enfermeiros. **Revista Eletrônica da Fainor**, Vitória da Conquista, v.9, n.2, p.173-184, jul./dez.

2016. Disponível

em:https://www.researchgate.net/publication/318648424_O_LIDAR_COM_A_MORTE_EM_UNIDADE_DE_TERAPIA_INTENSIVA_dificuldades_relatadas_por_enfermeiros. Acesso em: 17 nov. 2022.

MOTA, M. S.; GOMES, G. C.; COELHO, M. F. Reações e sentimentos de profissionais da enfermagem frente à morte dos pacientes sob seus cuidados.

Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 32, n. 1, p. 129–135, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1983-14472011000100017>. Acesso em: 01 de dez. 2022.

MORENO, F.; GIL, G.; HADDAD, M.; VANNUCHI, M. Estratégias e intervenções no enfrentamento da síndrome de burnout. **Revista Enfermagem**. v.19, n.140, 2011.

Disponível

em:https://www.researchgate.net/publication/317461811_Estrategias_e_intervencoes_no_enfrentamento_da_sindrome_de_burnout. Acesso em 01 de dez. 2022.

MAGALHÃES, M. V.; MELO, S. C. A. Morte e luto: o sofrimento do profissional da saúde. **Psicologia E Saúde Em Debate**, v.1, n.1, p.65–7, 2015. Disponível em:

<http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/7>. Acesso em: 06 nov. 2022.

NASSER, S. N.; MENDES, G. C.; BRESSAN, K. L.; IVATIUK, A. L.; RODRIGUES, K. O impacto da morte em profissionais da saúde em contexto hospitalar. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 58-66, jan. 2021.

ISSN 2447-1798. Acesso em: 28 maio 2023. Disponível em:

<https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/281>. Acesso em: 06 dez. 2022.

PAIVA, V. L. M. O. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. 2008, v. 8, n. 2, pp. 261-266, 2008. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S1984-63982008000200001>. Acesso em: 17 nov. 2022.

PAULA, G. S.; GOMES, A. M. T.; FRANÇA, L. C. M.; NETO FRA, B. D. J. A enfermagem frente ao processo de morte e morrer: uma reflexão em tempos de Coronavírus. **J. nurs. health**. 2020. Disponível em:

<https://doi.org/10.15210/jonah.v10i4.18977>. Acesso em: 14 abr. 2023.

SANTOS, L. R.; JÚNIOR, J. A. C. O processo de morte e morrer na visão do enfermeiro. **Revista Ciência & Saberes-UniFacema**, v. 1, n. 1, p. 25-30, 2015.

Disponível em: <http://www.facema.edu.br/ojs/index.php/ReOnFacema/article/view/13>. Acesso em: 01 de dezembro. 2022.

SALOMÉ, G. M.; CAVALI, A. E.; CUNHA, V. H. C. Sala de emergência: o cotidiano das vivências com a morte e o morrer pelos profissionais de saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 62, n. 5, pp. 681-686. 2009. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S0034-71672009000500005>. Acesso em: 05 nov. 2022.

NASCIMENTO, L. F. do Arilo, L. de M. C., Silva, L. M. de, & Oliveira, M. A. M. de.

(2022). Compreensão da morte e do morrer: Um estudo com residentes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 42, 1-16. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003233879>. Acesso em 04 abril. 2023.

RAMOS, V.C.; Cirino, A. A. de O. G. Concepções sobre a morte e o morrer entre estudantes de psicologia. **Est. Inter. Psicol.** Londrina, v. 11, n. 1, p. 26-48, abr. 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S223664072020000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 13 fev. 2023.

PIRES, I.B; MENEZES, T.M. de O; CERQUEIRA, B.B.; ALBUQUERQUE, R. S. de.; MOURA, H.C.G.B.; FREITAS, R.A. de.; SANTOS, A.L. de S.; OLIVEIRA, E.S. End-of-life comfort in intensive care: the perception of the multidisciplinary team. **Acta Paul Enferm**, v. 33, eAPE20190148, Jun. 2020. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5433/2236-6407.2020v11n1p26>. Acesso em 27 mai 2023.